



**Epistemologia
da Comunicação
no Brasil:
trajetórias
autorreflexivas**

Maria Immacolata Vassallo de Lopes
(organizadora)

ISP eca

Maria Immacolata Vassallo de Lopes
(organizadora)

Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas

1ª edição

São Paulo

2016

eca **USP**

Copyright © AssIBERCOM • Todos os Direitos Reservados

A presente publicação encontra-se disponível gratuitamente em: <<http://www.assibercom.org/>>

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Organizadora

Richard Romancini

Edição Científica

Tony Rodrigues

Projeto Gráfico e Diagramação

André Drumond Ortega

Giulia Bonfiglioli

Revisão

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

E64L

Epistemologia da comunicação no Brasil : trajetórias autorreflexivas / Maria Immacolata Vassallo de Lopes (organizadora) – São Paulo: ECA-USP, 2016. 248 p.

ISBN: 978-85-7205-148-4

1. Teoria da comunicação 2. Pesquisa em comunicação 3. Epistemologia
I. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de

CDD 21.ed. – 301.16

Partilhando experiências: a atração e o desafio da comunicação

VERA VEIGA FRANÇA¹

Antes de tratar especificamente de minha experiência, gostaria de ressaltar o duplo interesse e importância da proposta que orientou a realização do II Seminário de Epistemologia e a publicação deste livro. Primeiramente ela reúne nomes de inserção diversa que, há algumas décadas, vêm se dedicando aos estudos da Comunicação no Brasil, sendo que alguns dentre eles são diretamente responsáveis pela estruturação da área e pela construção de seus alicerces epistemológicos. A obra tem, neste sentido, um valor de resgate e articulação de nomes e histórias comuns (e muito me honra ganhar um lugar neste empreendimento!).

Porém quero também acentuar o alcance e a peculiaridade do formato proposto, centrado no percurso pessoal dos pesquisadores. À primeira vista ele pode ter causado algum constrangimento; nem sempre é confortável falar na primeira pessoa, e menos ainda – no caso de uma geração que não foi socializada em tempos de redes sociais – para falar de si próprio. No entanto, o roteiro que nos foi passado veio ensejar uma autorreflexão, um olhar-se no espelho que é pouco usual, numa iniciativa que tem o potencial de descortinar um cenário pouco conhecido. Para além da trajetória de cada um, me dei conta de que a soma desses percursos vai esboçar o contexto intelectual e o panorama sócio-histórico do próprio desenvolvimento da área. Fazemos parte (quase todos nós), do início da própria história dos estudos comunicacionais no Brasil. Assim, falar de nós é também situar aquilo que se construiu em nossa volta, e para o qual

1. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Coordenadora do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da FAFICH/UFMG), atua nas áreas de Teorias da Comunicação, Comunicação e Cultura Midiática e Metodologia de Pesquisa em Comunicação.

contribuímos em alguma medida (e, certamente, de forma diferenciada). O contexto em que se começou a pensar a comunicação no Brasil influenciou nos seus rumos; muitos dos pesquisadores aqui retratados formaram gerações posteriores e deixaram suas marcas. Mas eles também foram marcados e “reformatados” pelas inúmeras mudanças que pontuaram esse quase meio século em que os estudos comunicacionais vieram se desenvolvendo em nosso país.

Assim, para além de nomes individuais, parece-me que esta obra tece o panorama deste desenvolvimento, ajudando a compreender onde estamos hoje.

No que me toca, espero que minha trajetória – uma mistura de contingências e escolhas, e que não tem nada de especial – possa, para além de sua particularidade, suscitar links e, junto com as demais, ajudar a identificar um contexto de origem e sua projeção na reflexão e debates epistemológicos contemporâneos.

O INTERESSE PELA COMUNICAÇÃO / E POR CERTO TIPO DE COMUNICAÇÃO

Começo pelo começo – começo de minha história no campo da comunicação, algo que não foi planejado e do qual sequer tinha muita consciência. No momento de ir para a faculdade, início dos anos 1970, eu estava em dúvida sobre qual curso escolher – oscilando entre Letras e Ciências Sociais (a opção Jornalismo não estava em meu horizonte). Meus critérios de escolha eram ainda bastante vagos: eu gostava de escrever, mas também tinha muito interesse por história, pela história do presente, e certa inquietação com o quadro de diferenças sociais.

Por aquela época o MEC tinha acabado de promover uma mudança curricular, que veio substituir os cursos de Jornalismo por cursos de Comunicação, com diversas ênfases profissionais (Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Radialismo, Editoração e inclusive Cinema)². Essa mudança ainda não havia incidido no curso da UFMG, e o primeiro curso de Comunicação em Belo Horizonte foi criado pela

2. Em 1969, o Conselho Federal de Educação (CFE-MEC) transformou os cursos de Jornalismo em cursos de Comunicação Social, ao instituir o currículo mínimo por meio da Resolução nº 11/69. Essa resolução previa tanto o curso de Comunicação Social como o curso Polivalente, somatório das habilitações Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas.

então Universidade Católica de Minas Gerais³, graças ao pioneirismo de um jornalista, Lélío Fabiano, recém-chegado da França e de uma pós-graduação no IFP (Instituto Francês de Imprensa). Trouxe com ele, da França, um jovem cearense, Antonio Fausto Neto, que iniciou ali sua experiência docente.

A notícia da criação desse novo curso circulou praticamente na hora de me inscrever para o vestibular. A ideia da Comunicação me fisgou na hora, embora eu não tivesse nenhuma clareza sobre que tipo de curso seria aquele; intuitivamente, achei que ele poderia conjugar meus dois interesses, pela linguagem, pelas relações sociais. E isto se confirmou. Fiz o vestibular, ingressei em um curso cujos professores também não sabiam muito bem o que era; esses primeiros anos foram de experimentação, com o que isto significa de improvisação e criatividade. Anos intensos, de muitas descobertas.

Meu ponto de partida então foi este: fui atraída pelo viés comunicacional, pela maneira como a linguagem, a produção discursiva se insere no âmago das relações, configurando-as, abrindo possibilidades ou afunilando o desafio do encontro com o outro.

Esse desafio é muito bem descrito por Ricœur, para quem a comunicação é um mistério e um paradoxo. Se para o linguista, ele diz, ela (a comunicação) é um fato, para a filosofia, ela

é tida como problema, enigma, maravilha; pois o que a reflexão constitui primeiramente, não é a ideia de comunicação, mas belo e bem aquela da incomunicabilidade das mônadas. Assim, a comunicação se torna, para a reflexão, um paradoxo, paradoxo que a experiência cotidiana e a linguagem ordinária dissimulam, que a ciência da comunicação não reconhece; o paradoxo *é que a comunicação é uma transgressão, no sentido próprio de ultrapassagem de limite, ou melhor, de uma distância intransponível.* (Ricœur, 2005, p. 12)⁴ (grifo nosso)

3. Atual Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).

4. “(...la communication) devient problème, énigme, merveille; car ce que la réflexion constitue d’abord, ce n’est pas l’idée de la communication, mais bel et bien celle de l’incommunicabilité des monades. En retour, la communication devient, pour la réflexion, un paradoxe, paradoxe que l’expérience quotidienne et le langage ordinaire dissimulent, que la science des communications ne reconnaît pas; le paradoxe, c’est que la communication est une transgression, au sens propre du franchissement d’une limite, ou mieux d’une distance en un sens infranchissable.”

Em síntese, eu fui estudar Comunicação convocada pela ideia e dificuldade da própria comunicação. Meu interesse desde o início esteve voltado para aquilo que é ela é ou pode ser; para a força e múltiplos aspectos do fenômeno na sua dimensão linguageira e social. Tal viés me conduziu, mais do que para a prática profissional, para o campo dos estudos teóricos. Graduei-me em Comunicação/Jornalismo, e durante o curso participei de experiências laboratoriais, mas meu foco não estava lá (até porque naquele momento, nossa formação teórica-crítica olhava com maus olhos para o chamado “mercado de trabalho”, tido como altamente comprometido com as forças da ordem).

Motivada por esse interesse, eu saí direto da graduação para o mestrado – o Mestrado de Comunicação para o Desenvolvimento, na Universidade de Brasília, recém-criado (eu fui da primeira turma de Comunicação em Belo Horizonte, da primeira turma do mestrado em Comunicação da UnB).

Era a década de 70, época em que se deu o surgimento do que podemos considerar a primeira escola latino-americana da Comunicação, marcada tanto pela crítica à “escola americana da Comunicação” (ou escola funcionalista)⁵ e ao imperialismo cultural, como pelo compromisso com uma nova comunicação, uma “comunicação alternativa”. Esta perspectiva se construiu a partir de um conjunto de influências: o pensamento crítico da Escola de Frankfurt, a Teoria da Dependência⁶, a matriz dialógica de Paulo Freire, e agregou autores como Armand Mattelart, Luiz Ramiro Beltrán, Antonio Pasquali, Héctor Schmucler, entre outros.

No mestrado da UnB, num início que também teve muito de experimental, duas perspectivas se imbricaram: de um lado o apelo dessa primeira escola latino-americana, de conotação fortemente política; de outro, as primeiras influências da semiologia francesa, através do trabalho (ainda muito novo) de Eliseo Verón.

Em companhia de Fausto Neto (agora como colega), de Sérgio Porto, de outros colegas de várias partes do Brasil e de formação muito diferenciadas, fui me dando conta de que não era tão fácil entender e explicar “o

5. Trata-se da *Mass Communication Research*, desenvolvida nos Estados Unidos sobretudo entre as décadas de 1930 a 1950, e que teve como principais representantes o cientista político H. Lasswell, o sociólogo P. Lazarsfeld, o psicólogo C. Hovland.

6. A Teoria da Dependência foi desenvolvida por economistas de viés marxista vinculados à CEPAL (Comissão Econômica para América Latina, sediada no Chile), e apontava a reprodução do subdesenvolvimento nos países periféricos como resultado da lógica de dominação dos países centrais. Está ligada aos nomes de Raúl Prebisch, André Gunder Frank, Theotônio dos Santos, entre outros.

que é a comunicação”; que existem caminhos explicativos distintos. E que *a forma de conhecê-la e de teorizar sobre ela é uma questão decisiva para responder sobre o que ela é e o que não é*, o que ela pode e o que não pode. Num contexto de forte crítica à escola funcionalista americana (apesar da presença de professores que se formaram nos EUA), pude constatar que o processo de conhecimento é conduzido por interesses, e que a pesquisa científica não é isenta de ideologias. Entendi que o conhecimento, resultado de um processo de atenção e interpretação das coisas do mundo, retorna para ele (mundo) enquanto tentativa de organização do sensível e orientação da ação. Tem, portanto, uma dimensão política.

Naquele momento, de forma um pouco selvagem, me deparei com a Epistemologia da Comunicação; com a necessidade de olhar criticamente para o processo de constituição de um campo de estudos, para as diferenças e tensões que o atravessam. Dei-me conta de que o desafio não era apenas buscar formas de estudar o que é a comunicação, mas também de compreender como ela é estudada, e identificar as incidências que diferentes teorizações produzem na apreensão desse objeto de estudo.

Devo dizer também que, desde o início, e pela visada política que orientou minha aproximação da temática, sempre entendi os estudos comunicacionais como estudo da realidade social, estudo das práticas comunicativas, da ação e intervenção dos meios. Sempre entendi também que os estudos da comunicação são, em grande parte, constitutivos dessas próprias práticas, na medida em que desenvolvem diretrizes que incidem e orientam o trabalho profissional dos comunicadores (jornalistas, publicitários, relações públicas), bem como alimentam o próprio senso comum a respeito da mídia, dos processos comunicativos.

Assim, no meu percurso, a dimensão empírica da comunicação sempre foi orientadora dos estudos que empreendi. Na minha dissertação de mestrado, inscrita nos marcos da teoria latino-americana e fortemente influenciada pela distinção de Antonio Pasquali entre informação e comunicação⁷, a pesquisa de campo foi decisiva. Ela implicou uma imersão em

7. Para Pasquali (1973), “por comunicação ou relação comunicacional entendemos aquela que produz (e ao mesmo tempo supõe) uma interação biunívoca do tipo do com-saber, o qual somente é possível quando entre os dois polos da estrutura relacional (Transmissor-Receptor) funciona uma lei de bivalência: todo transmissor pode ser receptor, todo receptor pode ser transmissor” (p.11). A informação, ou incomunicação, compreende a relação unilateral – “o envio de mensagens sem possibilidade de retorno não-mecânico entre um polo T e um polo R periférico e puramente aferente” (p.14).

uma comunidade rural, onde passei dois meses em trabalho de observação e entrevistas. A dissertação chegou a bom termo – mas o embate com a empiria provocou algum estremecimento nas minhas convicções teóricas. Na época eu não consegui processar os limites encontrados, e só bem mais tarde vim a compreender os riscos de ir a campo dotada de convicções fortes e teorias muito definidas; este tipo de bagagem antecipa as respostas e dificulta a leitura daqueles aspectos e questões que ultrapassam o quadro teórico, e incitam novas construções.

ABERTURA E CONSOLIDAÇÃO DE UMA VISADA: SOCIABILIDADE E INTERAÇÕES COMUNICATIVAS

Na sequência do mestrado teve início minha carreira docente, inicialmente numa faculdade particular, e, a partir de 1981, na UFMG. Minha formação me habilitava para as disciplinas de natureza teórica, para o chamado tronco comum nos cursos de Comunicação: disciplinas que tratavam das teorias da comunicação (que antes eram nomeadas de Fundamentos Científicos da Comunicação), da interface comunicação e cultura, bem como do campo das metodologias de pesquisa. O ambiente intelectual da época era bastante permeado pela Teoria Crítica, pelo conceito de indústria cultural, imperialismo cultural, o que estimulava análises macrossociais. Esse ambiente não desconhecia a dimensão empírica da comunicação; os dados empíricos, no entanto, eram vistos e buscados mais como confirmação das teorias do que como elementos a serem investigados e problematizados. O trabalho de pesquisa no Departamento de Comunicação da UFMG era ainda incipiente; na transição curricular ainda em curso (o desafio de construir um curso de “comunicação”⁸), nossa preocupação maior era ainda a consolidação de uma boa proposta de ensino, que sem negligenciar a dimensão profissional, garantisse também a formação teórica-reflexiva de nossos alunos.

8. Não posso deixar de comentar o contraste com o momento contemporâneo, em que o MEC institui o movimento de volta aos cursos separados de Jornalismo e demais habilitações. A construção dos cursos de comunicação significava, a nossos olhos, uma vitória da perspectiva que buscava superar o esquitejamento das práticas em prol de uma visão que não apenas viesse resgatar a dimensão comunicativa do jornalismo e demais áreas profissionais (e, portanto, uma melhor compreensão de sua natureza de fundo), como a proximidade e ao mesmo tempo as peculiaridades de cada uma. Para quem defende tal perspectiva, o retorno ao afunilamento dos cursos constitui um triste retrocesso, na contramão das tendências tanto da ciência contemporânea (que aponta a superação das fronteiras disciplinares) como da prática profissional (que se realiza cada vez mais numa dinâmica de convergência).

No final dos anos 80 a UFMG me proporcionou uma licença de quatro anos para formação doutoral. Devo a Muniz Sodré não apenas a indicação para uma bolsa Capes-Cofecub na França, mas principalmente a abertura do contato com Michel Maffesoli e com a sociologia francesa. Maffesoli me trouxe conceitos que eu desconhecia – a sociabilidade/sociação de Simmel, o divino social de Durkheim, a *proxemia* de Edward T. Hall (Palo Alto), a *reliance* de Bolle de Bal,⁹ além das formulações muito próprias que caracterizam sua sociologia: a apropriação dos conceitos simmelianos de sociabilidade (que ele nomeou socialidade) e formismo; a discussão do tribalismo; a ideia do fusional e do contágio.

Sem dúvida, Maffesoli abriu um novo capítulo em minha formação, até então muito configurada pela rigidez da teoria crítica e pela ênfase nas relações de dominação. Trabalhar sob sua orientação abriu minha reflexão para a força do relacional e do sensível como elementos centrais na construção da abordagem metodológica. Através de suas obras, assim como de seus seminários, pude perceber o processo comunicativo como uma espiral de afetações, sujeitos e objetos fazendo parte de um mundo relacional, inseridos em formas formantes. Sua sociologia do cotidiano me reconduziu a pensar na comunicação enquanto dinâmica de laços, encontros, conflitos; a reencontrá-la na copresença de sujeitos e coisas; a ir buscá-la nas pequenas situações do dia a dia, num cruzamento permanente entre a experiência cotidiana dos sujeitos e o trabalho da mídia¹⁰.

Lembro-me de que, no meio de minha pesquisa de tese, quando me preparava para voltar ao Brasil para a coleta de dados (meu objeto de estudos foi um jornal brasileiro, o *Estado de Minas*), conversei com ele sobre o roteiro de trabalho, e particularmente sobre sua sugestão de que eu deveria passar algum tempo na redação do jornal. À minha preocupação (e insistência) em construir uma “grade de observação”, um elenco de questões que pudessem nortear meu trabalho de campo, ele respondeu simplesmente: “não se preocupe tanto – deixe seu objeto falar”. Claro

9. Sobre os conceitos, veja-se o artigo de Simmel (2006), A sociabilidade – Exemplo de sociologia pura ou formal (2006), os livros *La dimension cachée*, de Edward T. Hall (1978), e *A tentação comunitária*, de Bolle de Bal (1985).

10. Maffesoli, em vários momentos, tem sido alvo de ataques. Ainda este ano (2015), a revista que dirige, *Société*, foi alvo de uma “pegadinha” (dois jornalistas, passando-se por sociólogos, emplacaram na revista um artigo com uma pesquisa inventada), com o objetivo de “desmascarar” sua falta de rigor acadêmico. Sem entrar na polêmica deste e de outros casos, aproveito a oportunidade para reiterar meu respeito por seu trabalho e pelo ambiente acadêmico que ele constituiu em torno de si.

que a sugestão me causou grande inquietação no momento (e se o objeto não falasse?!), mas foi decisiva ao indicar uma postura metodológica que procurei nunca mais abandonar (e que procuro passar para meus alunos): abertura para “ouvir” o objeto, atenção e acolhimento do empírico.

Durante o doutorado tive oportunidade de acompanhar seminários de pesquisadores distintos, o que ampliou e enriqueceu em minha formação. Conheci e tornei-me amiga de Maurice Mouillaud (a quem convidei para vir duas vezes ao Brasil posteriormente¹¹), e foi através dele que eu cheguei ao viés do acontecimento, um conceito que se verificou muito significativo em minha pesquisa. Frequentei seminários de Roger Chartier, e vi a importância da história cultural com pano de fundo de nossas práticas comunicativas. Acompanhei um curso de P. Charaudeau, para conhecer sua *Análise do Discurso*; não me senti atraída pelo formalismo de seu modelo, mas o curso me familiarizou com a AD francesa, que busquei conjugar com a perspectiva dialógica de Bakhtin.

Talvez eu possa comparar minha experiência com o ambiente intelectual francês naquele momento com a visita de uma criança à Disneyworld; até então minha convivência acadêmica tinha se limitado aos colegas da UFMG e aos pesquisadores que pude conhecer no mestrado da UnB. Poder assistir cursos e conferências de autores como P. Bourdieu, Gilbert Durand, C. Castoriadis, Serge Gruzinski¹² (além dos já mencionados acima), mais do que um acréscimo de conhecimento (que se pode obter através de livros), revelou para mim uma outra dimensão da vida acadêmica. Há uma tendência entre nós (o que, sem dúvida, revela pouca maturidade) de se criar uma certa mística em torno do nome de alguns autores, constituindo inclusive “escolas de seguidores” deste ou daquele intelectual. Frequentando seminários em várias instituições, na França, eu não encontrei exatamente o culto de nomes (embora os cursos desses

11. A vinda de Mouillaud ao Brasil foi muito frutífera; ele reencontrou ex-alunos e, através de uma articulação feita com a ajuda da direção da Compós, ministrou cursos em vários programas de pós-graduação no país. Desse reencontro com o Brasil surgiu o livro *O jornal, da forma ao sentido* (Mouillaud, 1997), organizado por Sérgio Porto.

12. Embora não tenha me aproximado da forte sociologia de Bourdieu, seus trabalhos sobre a dominação simbólica e sobre as distinções, de forma particular, são de grande importância para o campo da comunicação. O conceito de imaginação simbólica de Gilbert Durand foi bastante retomado por Maffesoli, e constituiu uma referência importante em meu trabalho de tese. Numa perspectiva distinta coloca-se também a discussão sobre a instituição imaginária da sociedade, de Castoriadis; de Gruzinski, sua análise do papel das imagens na conquista da América.

pesquisadores renomados atraíssem muitos estudantes e ouvintes), mas um ambiente de intensa discussão e questionamentos. Mais do que tiegagem de autores e obras, o que eu pude constatar foi a prática da crítica e o confronto de ideias. Foi um novo aprendizado para mim, começar a perceber a experiência intelectual não (apenas) como acompanhamento da literatura, mas como exercício de pensar. A erudição dos franceses, a ênfase no debate e reflexão que permeava a academia francesa naquele momento me estimularam, nos anos a seguir, a me esforçar para ir além do trabalho de sala de aula e tentar trilhar o difícil e prazeroso caminho do artesanato intelectual (da bricolagem com ideias).

No desenvolvimento da tese, e trabalhando com a perspectiva de um objeto de estudo complexo e multifacetado, busquei desvelar diferentes faces e dimensões de meu problema de pesquisa: desenvolvi uma abordagem sócio-histórica (a história do jornal e do contexto cultural mineiro); uma análise morfológica do jornal; o estudo de um acontecimento específico relatado por ele, pela via da análise de narrativa (ou *actantielle*); um trabalho de escuta dos leitores, através de entrevistas. Ou seja, procurei me aproximar e apreender meu objeto não apenas por um ângulo, mas através da conjugação de vários deles, na busca da complexidade que o fenômeno encerra. Assim como na dissertação de mestrado, também na tese eu fiz a crítica e me afastei do paradigma informacional ou transmissivo da comunicação¹³; na primeira, a contraposição foi estabelecida entre o modelo transmissivo e o modelo dialógico, e tratava-se de uma crítica sobretudo ideológica (o modelo transmissivo naturalizava as relações de dominação no âmbito da cultural). Na tese, me dei conta de que o modelo dialógico, mais do que uma ferramenta analítica, expressava uma bandeira política: o desejo de uma nova comunicação. E não é com uma proposta normativa (do dever ser) que poderemos alcançar a compreensão daquilo que realmente se passa na realidade, mas com modelos analíticos dotados de potencial epistemológico.

Assim, uma crítica agora de natureza epistemológica ao modelo transmissivo orientou a busca de uma visada mais ampla, que possibilitasse apreender a complexidade da prática, a globalidade dos fenômenos analisados – os quais, em suas diversas manifestações, tanto podem ocorrer

13. O paradigma transmissivo ou informacional da comunicação vem sendo criticado desde os anos 1970; não obstante, sua concepção simplista do processo comunicativo ainda atua, mesmo que de forma invisível, em inúmeros trabalhos da área.

na forma de práticas verticais e autoritárias, como de dinâmicas mais horizontais e democráticas. Essa ferramenta analítica (um paradigma de apreensão da dinâmica comunicacional inscrita no fenômeno) me conduziu ao conceito de interações comunicativas, ou modelo relacional da comunicação – perspectiva que desde então vem orientando meus trabalhos.

Em síntese, posso dizer que o doutorado foi muito significativo na minha formação, e de alguma maneira possibilitou o reencontro, em novas bases, com as questões e inquietações iniciais, no trabalho de compreensão dos processos comunicativos, de apreensão do fenômeno na sua dimensão de globalidade, e no cruzamento de três vértices – sujeitos, linguagem (ou discurso), contexto sócio-histórico.

Retornando à UFMG, em meados dos anos 1990, encontrei o Departamento de Comunicação em um novo momento, com a criação de seu Programa de Pós-Graduação (inicialmente em nível de mestrado, e posteriormente doutorado) e a contratação de novos professores. Esse contexto estimulou e propiciou o desenvolvimento da pesquisa. Criamos um grupo de pesquisa, GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), que completou 20 anos em 2014. O viés trabalhado em minha tese – a perspectiva relacional – orientou os inúmeros projetos que desenvolvemos, em torno de objetos complexos (o processo de eleição de governadores e a construção de imagem dos candidatos; a comemoração dos 100 anos de Belo Horizonte em sua dimensão comunicacional, entre outros), que buscamos recortar em dimensões empíricas precisas: material midiático; fala de participantes; conformação de eventos presenciais. Esta diversidade da empiria (nos diversos projetos) também veio demandando a combinação de instrumentos metodológicos distintos; neste sentido, o GRIS se mostrou um laboratório de experimentação e aprendizado.

Nos vários projetos de pesquisa que foram desenvolvidos junto ao grupo¹⁴, a dupla conceitual sociabilidade e linguagem, *relações entre sujeitos* e *produção discursiva* foram os eixos que, combinados, construíram a problematização dos objetos e seu recorte empírico (os lugares onde recolhíamos nossos dados).

14. No início desenvolvemos no GRIS projetos integrados de pesquisa, conjugando a participação de vários docentes. Posteriormente eles foram substituídos por projetos individuais (aos quais se agregam a pesquisa dos mestrandos e doutorandos), articulados pela perspectiva teórica-metodológica mais ampla do grupo. Para uma melhor apreensão dos trabalhos do grupo, consultar <<http://www.fafich.ufmg.br/gris>>.

O VIÉS PRAGMATISTA: EXPERIÊNCIA E ACONTECIMENTO

Como mais uma etapa em minha formação, e mais de dez anos após o término de meu doutorado, voltei à França para a realização de um estágio de pós-doutorado, com bolsa do CNPq, agora junto à EHESS (*École des Hautes Études en Sciences Sociales*), sob a supervisão de Louis Quéré, diretor do CEMS (*Centre d' Études des Mouvements Sociaux*) e do Institut Marcel Mauss.

Este estágio constituiu também uma etapa decisiva e de grande amadurecimento em minha formação; seus reflexos se fazem muito presentes nos trabalhos que venho desenvolvendo nos últimos anos. Ele não provocou um redirecionamento, mas a consolidação de uma perspectiva: a abordagem relacional em que trabalhávamos ganhou bases mais sólidas. A escolha de ir trabalhar com Quéré se deu em função de minha afinidade com seu modelo (ou paradigma) praxiológico da comunicação. O que fui buscar na École (com Quéré e um grupo de pesquisadores do CEMS)¹⁵ foi um aprofundamento das bases dessa perspectiva praxiológica, que vem dos pragmatistas americanos do final do séc. XIX e início do séc. XX (W. James, J. Dewey, G.H. Mead), e se desenvolve através da Escola de Chicago, da obra de Goffman, de alguns pesquisadores de Palo Alto, da etnometodologia de Garfinkel.

Parece curioso que eu tenha ido estudar o pragmatismo e a Escola de Chicago na França; na verdade não fui – o pragmatismo foi um desdobramento de meu interesse pela perspectiva praxiológica da maneira como vinha sendo trabalhada por Quéré. Mas também vale lembrar que a tradição pragmatista e a Escola de Chicago foram em grande medida “redescobertas” e colocadas na ordem do dia inicialmente pelos alemães (Apel, Habermas, Honnet, Joas) e hoje têm sido fortemente estudadas também na França¹⁶. Meu contato se deu, assim, via releitura dessa herança intelectual através do enquadramento de fundo dado pela escola durkheimiana francesa.

15. A linha de trabalho de Quéré está voltada para a questão da experiência e ação, tomando como referência os pragmatistas americanos e autores contemporâneos no campo da filosofia da ação (particularmente os trabalhos de Vincent Descombes e Charles Taylor). A partir desse quadro teórico, ele tem um particular interesse pela temática da experiência e tratamento dos problemas públicos, acontecimento, constituição de um público. O CEMS congregava na época um grupo de importantes pesquisadores no campo da sociologia da mídia, como Daniel Dayan, Dominique Pasquier, Dominique Mehl, Sabine Salvon-Demersay.

16. Registre-se, na EHESS, os nomes de Daniel Céfai e Albert Ogien, especialistas na Escola de Chicago e em Goffman.

Achei no pragmatismo a base teórico-filosófica adequada para pensar o lugar da prática (das ações no mundo) e a dimensão constitutiva das interações¹⁷. O conceito de interação de Mead (a presença, na comunicação, de *um* e do *outro*, numa dinâmica de mútua afetação); a concepção de experiência de Dewey (descortinando os sujeitos sendo modificados ao longo de sua ação); os quadros de sentido de Bateson e Goffman (situando os enquadres sociais que configuram os modos de interação)¹⁸ constituem, hoje, categorias centrais no meu trabalho de pesquisa.

Pensar a interação enquanto um processo que se desdobra através de diferentes fases, numa dinâmica de permanente reflexividade, com resultados que não são pré-definidos – pois que sujeitos à conjugação de fatores intervenientes e a escolhas conjunturais dos interlocutores em situação – orienta uma atenção permanente ao empírico, à maneira como a comunicação se desenrola.

Assim, abordar a comunicação enquanto interação (ou seja, apreendê-la através do modelo relacional) se tornou para mim e para nosso grupo de pesquisa um ponto de partida fundamental, que estimula/possibilita diferentes indagações: em cada situação analisada, como se configura o quadro interativo (como se desenha a relação)? Como se desenrola o processo – quais as fases em que se desdobra a interação? De que maneira uma interação particular reflete um contexto sociocultural mais amplo, e de que maneira interações particulares reverberam num quadro social mais abrangente? Em sua natureza de experiência, como apreender, no bojo das interações comunicativas, sujeitos afetando e sendo afetados? Modificando e sendo modificados?

17. Acho interessante registrar que, em minha tese, cheguei às interações via conceito de sociabilidade e a perspectiva fusional de Maffesoli; ainda não havia lido Mead nem Quéré. Em alguns momentos, parece que várias ideias convergem para um mesmo ponto, e pesquisadores diferentes, por caminhos distintos, acabam chegando nas mesmas questões. Aqui no Brasil, registro particularmente os trabalhos de José Luiz Braga, que também utiliza o conceito de interações comunicacionais (veja-se Braga, 2001).

18. O conceito de quadros de sentido, ou enquadramento, conforme apresentado por Gregory Bateson e retomado por Erving Goffman, nos diz das formas construídas e legitimadas socialmente que ordenam nossas interações, estabelecendo expectativas e modelos de comportamento. Conforme nos lembra Goffman (remetendo-se a William James), ao olhar para uma dada situação, identificamos um quadro social na resposta à pergunta “o que está acontecendo aqui?” (para uma rápida apreensão do conceito nos autores citados, veja-se Bateson, 2002, Goffman, 2002).

A ênfase na experiência – afetando sujeitos, provocando ações – nos conduziu ao conceito de acontecimento como uma ferramenta heurística para indagar, na análise de acontecimentos distintos (um crime, uma ocorrência em torno de uma celebridade, um acontecimento político), os significados e ações que foram desencadeados¹⁹. Acontecimentos, ao perturbar a normalidade, suscitam o aparecimento de públicos (aqueles que foram afetados), ampliam o horizonte de sentidos, convocam temporalidades distintas (evocam o passado, levam a projetar um futuro). Acontecimentos fazem falar – se desdobram em múltiplas situações comunicativas. Analisar os acontecimentos, portanto, tem se mostrado um caminho frutífero para apreender momentos em que a sociedade produz falas que revelam seus valores, temores, perspectivas.

SINTETIZANDO

Apresentar uma trajetória demanda, ao final, apontar onde estamos. Eu não falaria de um ponto de chegada, mas do local (sempre provisório) que, hoje, caracteriza meu trabalho e organiza uma determinada “perspectiva de olhar”. Numa síntese (sempre perigosa – pois que redutora) do caminho e escolhas apresentados acima, eu indicaria os seguintes pontos:

- proximidade com a perspectiva pragmatista, em sua ênfase no domínio da experiência, o que nos orienta a tratar *a comunicação enquanto prática, ação no mundo*;
- adoção de uma *concepção relacional da comunicação*²⁰, que nos leva a pensar a comunicação enquanto interação, buscando conjugar suas diferentes instâncias e cruzamentos, bem como seu movimento e imprevisibilidade;
- uso do *conceito de enquadramento* como operador conceitual que permite apreender a relação do geral e do particular; como ferramenta para perceber como situações comunicativas singulares se veem atravessadas pelo social;

19. Realizamos em 2011, no âmbito do GRIS, um colóquio sobre a temática do acontecimento; os trabalhos do evento foram publicados na obra *Acontecimento: reverberações* (França e Oliveira, 2012). Em meu artigo, no mesmo livro (“O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística”), discuto as potencialidades analíticas do conceito.

20. Ao falar em relações, acentuo que aí se incluem a relação entre sujeitos interlocutores; entre sujeitos e linguagem; sujeitos e contexto.

- ênfase no *estudo de acontecimentos*, em função de seu potencial hermenêutico (abertura de sentidos), convocação/formação de públicos (sujeitos afetados), desdobramentos narrativos. Acontecimentos fazem a sociedade falar; a fala da sociedade nos revela suas *dimensões axiológicas, culturais, políticas*.

O GRIS hoje se constitui mais propriamente como um centro de pesquisa, agregando vários grupos internos; meu grupo específico é o Grupo de Interações Midiáticos e Práticas Culturais Contemporâneas – Grispop. No estudo de acontecimentos, e dos sujeitos dos/nos acontecimentos, um viés específico de nosso trabalho, no Grispop, é o tratamento das celebridades, e a ênfase em produtos/programas de natureza midiático-popular. Por que celebridades, por que programas “populares”, ambos tão sujeitos a críticas, revelando-se com frequência figuras e formatos altamente padronizados, quando não depositários de fortes resquícios conservadores?

A pergunta demandaria uma resposta mais longa do que cabe neste artigo. De forma sintética, posso dizer que, mais do que os produtos, me atraem *as relações*. Aquilo que o “povo” gosta e faz traz embutido questões profundas que dizem das dinâmicas e forças sociais em ação. Autores como Stuart Hall (2003), Roger Chartier (2003) falam da cultura popular como lugar de tensões – de relacionamento, influência e antagonismo – entre uma cultura dominante e as condições sociais e materiais de vida, ou seja, o domínio da experiência. Ela é marcada por uma dualidade e ambivalência, de tal maneira que suas práticas tanto espelham elementos e modelos da cultura dominante como traduzem aspectos e valores trazidos de sua experiência, sua tradição, configurando formas singulares de apropriação (conforme Chartier, 2003, p. 167, essas práticas podem ser objeto de duas análises “mostrando termo a termo sua autonomia e sua heteronomia”). E é este o interesse do foco de estudos do Grispop: as tensões e contradições que atravessam o universo midiático-popular em nossa sociedade; a maneira como, ao aderir a celebridades, acontecimentos, produtos, os grupos sociais estão aderindo a padrões hegemônicos mas estão também se posicionando a partir de seu lugar, seu modo de ser, convocando seus valores, aspirações e problemas.

Devo dizer também que permanece aqui um interesse e compromisso que vem desde o princípio com as classes “populares”, com os grupos

subalternos. Esses fenômenos coletivos (a adesão a uma celebridade, o interesse por certas temáticas e produtos), bem como as intervenções de sujeitos das classes populares em programas midiáticos (o morador de periferia, o indivíduo estigmatizado por questões de raça, opção sexual) oferecem mais do que um mau gosto que incomoda: eles expõem as cisões, os desejos, o contraste da diferença que nos habita²¹.

Retomo aqui o “enigma da comunicação” falado no início; estudar a comunicação nos revela – ou nos faz deparar – com a extrema diferença que nos marca, que marca nossa sociedade. Nos permite identificar e analisar como essas diferenças se comunicam, através de embates, confluências, transformações, deformações, mas também de criatividade. Nem sempre é possível se entusiasmar com aquilo que o “povo” (classe subalterna, grupos marginalizados) faz e gosta. Mas suas manifestações nos permitem radiografar os movimentos da própria sociedade e sua dinâmica de exclusão, assim como as práticas de resistência e os indícios de outras racionalidades e perspectivas. A cultura hegemônica não é capaz de asfixiar posições contrastantes e formas culturais divergentes, as quais apontam e dialogam em pontilhado com outros mundos possíveis.

BIBLIOGRAFIA

- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B., GARCEZ, P. (org.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- BOLLE DE BAL, Marcel. *A tentação comunitária*. Bruxelas, Ed. de l'Université de Bruxelles, 1985.
- BRAGA, José Luiz. A constituição do campo da comunicação. In: COHN, Gabriel et al. *Campo da Comunicação. Caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001.
- CHARTIER, Roger. Formas e sentidos. *Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 2003.
- FRANÇA, Vera V. *Jornalismo e vida social. A história amena de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- FRANÇA, Vera, OLIVEIRA, Luciana (org.). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

21. No artigo “Para Allon White, metáforas de transformação”, Hall (2003-a, p. 240) cita um trabalho de Peter Stallybrass e Allon White, em que os autores analisam as formas da cultura popular através do conceito de grotesco de Bakhtin, indicando um tipo de grotesco que se configura como fenômeno limítrofe de hibridação e enredamento entre o eu e o outro “uma zona inclusiva, heterogênea e perigosamente instável”.

- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, B., GARCEZ, P. (org.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HALL, Edward T. *La Dimension cachée*. Paris, Points, 1978.
- HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. Para Allon White: Metáforas de transformação. In: _____. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003-a.
- MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio D. (org.). *O jornal, da forma ao sentido*. Brasília, Paralelo 15, 1997.
- PASQUALI, Antonio. *Sociologia e comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- RICOEUR, Paul. *Discours et communication*. Paris: L’Herne, 2005.
- SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: _____. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.